

# caderno 3



## Diário do Nordeste

FORTALEZA, CEARÁ - DOMINGO, 28 DE FEVEREIRO DE 2010 | ANO XXIX | [caderno3@diariodonordeste.com.br](mailto:caderno3@diariodonordeste.com.br)

### MEMÓRIA

# O herói do lápis

● Há 100 anos morria o italiano Angelo Agostini, aos 66 anos, no Rio de Janeiro. Destacado militante abolicionista, o caricaturista foi um marco da “imprensa ilustrada”, gênero jornalístico pioneiro da valorização do elemento visual, que floresceu durante o II Império. Agostini é ainda considerado o pai das histórias em quadrinhos brasileiras (teorias o colocam mesmo como o precursor deste gênero no mundo). Com a chegada de um novo estudo sobre sua obra às livrarias, o Caderno 3 se detém em sua criação, buscando compreender sua memória e legado

Continua nas páginas 4 e 5



● Ao lado, visão jocosa dos embates entre liberais e conservadores, pela pena de Angelo Agostini. Acima, detalhe da capa de Diabo Coxo, um dos mais famosos periódicos no qual atuou o artista italiano  
IMAGENS: REPRODUÇÃO/ EDITORA UNICAMP

**Promoção Imperdível**

**Split KOMECO**

**SPLIT KOMECO**  
7.000 BTU's  
À VISTA  
R\$ 839,00 ou  
**10x R\$99,90**  
no cartão Visa

MODELO BRIZE (Sem Instalação)

**Eletró.com**

3268.2815 / 3244.1719  
AV. DES. MOREIRA, 1602

## HISTÓRIA

# Rindo se combate

◉ Livro do historiador Marcelo Balaban, "Poeta do Lápis" é um marco nos estudos de Angelo Agostini e sua obra. Nele, o autor analisa sua participação no fenômeno da "imprensa ilustrada" e nas lutas políticas do Segundo Império

DELLANORIOS  
Repórter

Ainda que seja um tanto doloroso de se dizer, sobretudo porque fere a vaidade que não costuma ser das menores nesta categoria, o jornal não oferece garantias a quem deseja deixar seu nome para a posteridade. A importância da imprensa para o mundo moderno se contrapõe à efemeridade do que produz. As notícias são importantes para se entender o mundo em que vivemos, mas elas caducam e, com o passar do tempo, tornam-se quase ilegíveis. O que era leitura para as massas, 100 anos depois torna-se hieróglifos que só uma elite consegue decodificar.

Dai chegamos à figura de Angelo Agostini (1843 - 1910), artista que, não bastasse ter atuado sobretudo na imprensa, ainda exercitou um ofício para o qual muitos continuam a torcer o nariz. Angelo Agostini era caricaturista e chargista, autor de histórias ilustradas nas quais muitos veem o nascimento das histórias em quadrinhos brasileiros - arte menor, no século XIX; "coisa para crianças", em boa parte do século XX.

O fato é que o nome de Angelo Agostini sobreviveu. Junto dele, uma coleção de imagens que garantem elogios a sua habilidade de desenhista e caricaturista. Já a leitura de Angelo Agostini não teve a mesma sorte. É certo que uns poucos livros, em boa qualidade gráfica, colocaram em circulação parte de sua produção (leia mais na página ao lado). Foi assim que se tornaram conhecidas algumas variações de seu talento, como as histórias ilustradas (quadrinhos para uns) dos personagens hu-



◉ **PUBLICAÇÃO SATÍRICA**, a Revista Ilustrada, de Angelo Agostini, foi um dos veículos mais importantes na divulgação das ideias republicanas e abolicionistas. ILUSTRAÇÃO: REPRODUÇÃO/ EDITORA UNICAMP

morísticos Nhô-Quim e Zé Cai-pora; além de charges, caricaturas e outros expressões de jornalismo visual, veiculados nos periódicos oitocentistas Cabrião e Diabo Coxo.

Para a história do reconhecimento da obra de Angelo Agostini, "Poeta do Lápis: sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)", de Marcelo Balaban, é um marco. Não é o primeiro estudo sobre o artista, mas é o primeiro a sair no formato livro, e por uma editora capaz de lhe

dar uma boa distribuição no País. Trata-se de uma versão da tese de doutorado de Balaban, na Unicamp. Atualmente, o autor é professor do departamento de História da UnB.

## Memória (re)construída

Ainda que não seja o objetivo principal do livro, nele se encontra um precioso esboço de perfil biográfico, não apenas do homem Angelo Agostini, como da lenda que foi construída nas primeiras décadas seguintes à sua morte. É assim que Marcelo Ba-

laban abre o livro, reconstituindo a maneira como Agostini foi retratado no final de janeiro de 1910, quando a imprensa noticiou sua morte.

Em textos apologeticos, que destacavam sua participação nas campanhas abolicionistas e republicanas, em oposição ao império de Pedro II, lê-se sobre os pontos mais significativos de sua história. Agostini nasceu em 1843, em Vercelli, Itália. Viveu a infância e a adolescência em Paris. Na Cidade Luz, estudou pintura e desse ofício passou a

viver, quando emigrou com a mãe para o Brasil, em 1859. Em São Paulo, Agostini conheceu a imprensa ilustrada. "No século XIX, ela surgiu mais ou menos na década de 1840, junto com outras formas de apelo visual, caso da fotografia", explica Marcelo Balaban. "A imprensa ilustrada me chamou atenção pela grande quantidade de jornais centrados na ideia de um diálogo entre texto e imagem".

Agostini trabalhou na primeira publicação do gênero, editada em São Paulo, o semanário satírico "Diabo Coxo", produzido ao lado do poeta abolicionista Luís Gama. À época, São Paulo ainda era uma cidade provinciana, o que levou Agostini a deixá-la, temendo os desafetos escravistas do Estado. Fixou-se no Rio de Janeiro, então capital da república, onde fez seu nome. Publicou suas charges e caricaturas em periódicos como Cabrião (fundado e dirigido por ele), O Mosquito, Vida Fluminense e, já no século XX, em O Malho. "Os jornais da imprensa ilustrada eram muitos e bem diversos, apesar de serem semelhantes em sua proposta geral de aliar texto e imagem. A maioria tinha um personagem narrador, como o Mosquito, o Mequetrefe, mas cada um com o que se poderia chamar de uma linha editorial própria", detalha.

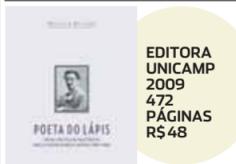
## Política e posteridade

Quando morreu, lembra Marcelo Balaban em seu livro, Agostini estava fora de cena. Com mais de 40 anos trabalhando em jornais e revistas, era figura conhecida e benquista nas redações dos jornais. Entretanto, estava velho, no começo de um século em que a palavra de ordem era o novo e o rompimento com o século anterior.

No dia que morreu, 23 de janeiro, Angelo Agostini participou de uma reunião em homenagem a Joaquim Nabuco, seu amigo, político e diplomata, e um dos nomes mais famosos do grupo abolicionista brasileiro. Nabuco havia morrido seis dias antes. E esta morte selou a sorte da memória de Angelo Agostini. Por um lado a ofuscou: a figura do artista da pena era bem menos interessante, relevante, notável que a do grande abolicionista, intelectual mais próximo do poder, integrante da Acade-

## HISTÓRIA

## Poeta do Lápis Marcelo Balaban



mia Brasileira de Letras. Por outro, foi na condição de parceiro de Joaquim Nabuco na luta pela libertação dos escravos que Angelo Agostini ganhou sua primeira síntese. Falar de Agostini era falar de um artista, um jornalista da imagem, comprometido com o avanço do País, um processo de humanização que sanaria uma doença que estava a corroer o Brasil. Agostini era, ele também, um herói da Abolição e da República.

Foi como abolicionista que ele foi lembrado em 1943, quando de seu centenário. A imprensa à época, eufórica com os progressos dos direitos trabalhistas do governo Getúlio Vargas, via na abolição um movimento precursor daquele novo momento em que o Estado se tornava mediador entre patrões e empregados.

Marcelo Balaban explica que esta identificação com o abolicionismo foi fundamental para destacar Agostini dos demais artistas da imprensa ilustrada. "A atividade dele como caricaturista era mais ampla que isso. Não que fosse pouco ser abolicionista, mas ele não se restringiu a produzir sobre esta temática. Isso não significa que ele foi o mais importante dos caricaturistas do século XIX. Significa que sua memória se construiu colada à memória da abolição dos escravos. Outros não se aproximaram tanto dos abolicionistas quanto Agostini", explica.

"Chama atenção o fato de a imprensa ilustrada ter sido tão variada e ela ser identificada apenas com ele. Agostini foi um dentre vários outros, como o alemão Henrique Fleiuss, da Semana Ilustrada, e o português Rafael Bordalo Pinheiro, com o qual o Agostini teve uma polêmica, que ganhou as páginas de seus jornais", conta Balaban. ◉



